



Luta por pequenos poderes

JOANA BERWANGER/ARQUIVO PESSOAL

Rosana Pinheiro-Machado Professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) reflete sobre a vaidade e seus impactos no cotidiano acadêmico

Cientista social e antropóloga formada e pós-graduada pela UFRGS, Rosana Pinheiro-Machado tem uma relação intensa com a academia. Durante seu doutorado, realizou estágio sanduíche por um ano na University College London (UCL). Sua tese, baseada em dez anos de estudos de campo acompanhando uma cadeia global de mercadorias ilegais na rota China-Paraguai-Brasil, recebeu prêmios da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Já atuou como professora da Pós-Graduação em Desenvolvimento Internacional na Universidade de Oxford e pesquisadora visitante do Centro de Estudos Chineses da Universidade de Harvard. Hoje, é professora do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFSM e publica textos de opinião em jornais, revistas e em suas redes sociais. Rosana recentemente esteve na Faculdade de Ciências Econômicas (FCE) debatendo a vaidade no ambiente acadêmico.

Por que esse tema te interessa? E desde quando?

Acredito que tenha relação com o processo autorreflexivo da minha própria trajetória, pois me incomodava essa ideia de desmerecimento dos colegas que eram de uma área ou de outra, de um núcleo de pesquisa ou

de outro. São diversas competições que, ao longo da minha trajetória acadêmica, fui vendo que só me impediam de ampliar meus horizontes e áreas, de ter novos interlocutores. Eu sentia, mas era tudo muito incipiente. Como estudante, percebia como uma perda e como uma luta por pequenos poderes. De alguma maneira, eu também era parte disso. Reproduzia isso. Achava que era uma disputa entre fracos e fortes. Acreditava mesmo nessas místicas. No entanto, isso foi me interessar formalmente quando fiz uma pós-graduação em Pedagogia Crítica na Universidade de Oxford. Ao longo de um ano, desenvolvi meu portfólio de ensino baseada numa metodologia que se chama Autobiografia Crítica. Foi então que comecei a pensar criticamente sobre as relações de poder, dentro da minha própria trajetória acadêmica, e como que não deveria reproduzir isso. Essa era uma pedagogia freireana e era central no curso.

Quem são os “donos de Foucault”?

Os “donos de Foucault” são os donos do laboratório, do Marx, do Weber, do Bordieu, de determinado tema, de determinado núcleo. A maneira como a universidade vai fazendo “clusters”. Acho positivo que as pessoas se especializem e que tenham grupos especializados. O problema não é que alguém tenha autoridade em um assunto – é importante que nós tenhamos

referências –, mas sim como isso se reflete nas relações de poder. Muitas vezes, isso acaba sendo antipedagógico, porque você trabalha com tal autor, tem que referenciar tais teorias e tais pessoas. No fim, muitas vezes acaba sendo algo mais autorreferenciado do que necessário. Então, a expressão “donos de Foucault” virou até uma gíria em diversas universidades. Não é exclusivo, mas geralmente isso também tem relação com o poder masculino. Do homem branco, de autoridade em determinada área e que diversas vezes ao invés de ser simplesmente uma notoriedade na área, acaba se transformando numa forma de poder e dominação.

Como nasce esse sentimento, esse ego?

Esse ego é de alguma maneira próprio do ethos acadêmico. Começa com os estudantes: eles iniciam a carreira reclamando do professor autoritário, que agride e humilha, que é de alguma maneira um calhorda. Isso é muito triste. Então, a gente tenta fazer palestras para discutir esse comportamento sobre o ponto de vista autorreflexivo crítico, com o objetivo de que os estudantes não o reproduzam. A primeira coisa que os alunos fazem ao entrar na pós-graduação é reiterar essa atitude. É inconsciente, mas é um processo de reprodução de poder. É muito difícil que os estudantes não façam isso, a não ser que desenvolvam uma

reflexão crítica permanente para barrar essa reprodução. O sistema universitário é feito para levantar e produzir carreiras individuais dentro da construção de um conhecimento individual pautado na genialidade. Essa ideia é muito da nossa tradição brasileira e tem muito a ver com o processo pedagógico. A gente tem uma formação pedagógica muito fraca, que gera muitos professores que podem ser gênios nas suas áreas, mas que não são bons docentes. Isso é próprio do sistema universitário e é claro que as transformações recentes da universidade, de desmantelamento, de corte de verbas, acirram um universo de competição e disputas por recursos e métricas. Hoje, a principal crise universitária fortalece um ethos que é próprio da natureza do conhecimento universitário há algum tempo e não só no Brasil.

Existem áreas mais propensas a criar os “donos de Foucault”?

Não existem. As propriedades, digamos assim, existem em todos os departamentos e campos do conhecimento.

Que conflitos essa vaidade gera nas relações?

Os conflitos são todos. Primeiro, se dá no nível dos estudantes, afetando a solidariedade entre pares, quando um acha que é melhor do que o outro e o oprime. Esse comportamento autoriza diversas formas de abuso moral e sexual, porque a ideia de poder ilimitado faz com

que certos professores se sintam na capacidade de humilhar. O que antes só parecia um ethos universitário, em que o aluno ‘tem que sofrer mesmo’, hoje se chama assédio moral e/ou sexual e tem inclusive uma legislação específica. Devido à sensação ilimitada de poder, os homens sabem que podem assediar sexualmente os alunos e que nunca vai acontecer nada. Todo esse ethos extremamente opressor vai culminar num processo de crise entre os alunos, principalmente no processo de escrita da tese. Isso vai gerar isolamento, depressão, estresse e até mesmo suicídio. O número de casos de depressão chegou a 33% e de depressão e alto estresse a 50% em quase todas as universidades do mundo. Nós estamos vivendo um tipo de crise da saúde mental, que não é só dos estudantes, mas também dos professores, porque é um sistema que afeta a todos.

Essa vaidade tem gênero?

Sim! Apesar de acontecer entre professores homens e mulheres, essa vaidade está muito vinculada à figura do intelectual, ou seja, do homem branco, gênio, dono de um conhecimento imanente, nato, que vem junto com diversas formas de assédio moral e sexual.

Vanessa Petuco,
estudante do 7.º semestre
de Jornalismo da UFRGS